

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 3, Número 1, Dez. 2014

MOVIMENTOS E FRAGMENTOS DE METRÓPOLES NA POÉTICA DE ANA CRISTINA CESAR



MOVEMENTS AND FRAGMENTS OF METROPOLIS IN ANA CRISTINA CESAR'S POETIC

RAQUEL MACHADO GALVÃO
UNIV. ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 09/04/2014 • APROVADO EM 28/06/2014

Abstract

This paper proposes an approach about the representation of metropolis in the poetic of Ana Cristina Cesar, doing an interpretation that considers the movements and fragments of cities in the context of her poems. With "A teus pés" (1982) possibilities of discussions are opened with the reflection of intertextual writing of Ana Cristina Cesar linked to images and poetic references that represent characteristics of modernity.

Resumo

O artigo propõe uma abordagem acerca da representação de grandes metrópoles na poética de Ana Cristina Cesar, a partir de uma interpretação que considera os movimentos e fragmentos das cidades no contexto das suas poesias. Com *A teus pés* (1982) são abertas possibilidades de discussão tendo como viés inédito a reflexão da escrita intertextual de Ana Cristina Cesar atrelada à imagens e referências poéticas que representam características da modernidade.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Ana Cristina Cesar; Metropolis; Modernity.

PALAVRAS CHAVE: Ana Cristina Cesar; Metrôpole; Modernidade.

Texto integral

A abrangência de uma Ana

O que eu não dizia era matéria para pequenos traslados.
Eu subia a boca do metrô. Golpe de ar insensível
aos pássaros da tarde. Podia ser outra, a cidade. (CESAR, 1998, p. 179)

Em um espaço literário onde vida e obra se encontram e se confundem está a escritora Ana Cristina Cesar. Rótulos nunca lhe faltaram: poeta suicida, escritora marginal, vampira intelectual – tudo a gosto do freguês, ou dos leitores. E os mais atentos, dotados por vezes de olhares entusiasmados, compreendem que no legado de Ana Cesar ficaram mais perguntas que respostas, mais fragmentos que certezas, mais movimentos criativos do que inércia.

Nascida no Rio de Janeiro no ano de 1953 em uma família de classe média alta e envolvida com a área de literatura, Ana Cristina Cesar demonstrou, desde muito nova, habilidade com as palavras. Em depoimento para Carlos Alberto Messeder Pereira, em *Retrato de Época: poesia marginal anos 70*, lançado pela Funarte em 1981, ela fala um pouco desse background familiar:

eu fui uma ‘menina prodígio’. Esse gênero, assim, aos seis anos de idade faz um poema e papai e mamãe acham ótimo... na escola, as professoras achavam um sucesso. Então literatura assim pra mim começou... mamãe era professora de literatura, aqui (em casa) era sempre (local de) encontro de intelectuais, papai transava na Civilização Brasileira, não sei o que. Então tem esse lance assim de família de intelectual que você... estimulava e publicava nas revistinhas de igreja, ou alguém conhecia alguém na Tribuna da Imprensa... botava no mural da escola... Aí quando eu cresci, essa coisa me incomodou muito... (PEREIRA, 1981, p. 190-191)

Quando cresceu, foi literalmente e na área literária. A menina que ditava poemas para a mãe, transformou-se em uma jovem com agitada vida acadêmica, cursou Letras na PUC-RJ (1971-1975), obteve o título de mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o estudo da representação da literatura no cinema - “*Literatura não é documento*” (1978-1979), financiado pela Funarte, e em *Master of Arts* pela Universidade de Essex (1979-1981), com uma tradução comentada do conto *Bliss*, de Katherine Mansfield. No que tange a produção literária, esteve fortemente envolvida na produção literária dos anos 70, a que alguns estudiosos chamam de “Poesia Marginal”, “Geração mimeógrafo”, ou, simplesmente, “Produção jovem da década de 70”.

A movimentação dos jovens poetas nos anos 70 esteve marcada por uma invasão poética de grupos, antologias e revistas em várias cidades do Brasil, de forma mais intensa em capitais como Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador, entre outras.

Com a preocupação centrada nos ‘tempos modernos’ desenvolve-se uma linguagem visual, fragmentária, alegórica que absorve a literatura, a subliteratura, o flagrante, o que vai pelas bancas de jornal, a escrita publicitária, criminal, oficial. Uma literatura de desmontagem, a tentativa de abrir frestas para o bárbaro e o nosso, o insólito cotidiano no interior do haikai. (HOLLANDA; PEREIRA, 1982, p. 30)

A poesia nos anos 70 abriu espaço e criou novos circuitos que impulsionaram a produção independente. No ambiente específico do Rio de Janeiro, o livro *Muito Prazer* (1971), de Ricardo Chacal, é reconhecido como a primeira publicação de poesia marginal. Subvertendo os padrões tradicionais da

produção, edição e distribuição de literatura, os livros eram feitos em mimeógrafos e vendidos pelos próprios escritores nas ruas, portas de teatro, bares, etc. A marginalidade era vivida ao extremo e o trabalho coletivo era fortalecido com coleções como a Frenesi, Vida de Artista e Nuvem Cigana. Estiveram envolvidos nessa movimentação escritores como Roberto Schwarz, Cacaso, Francisco Alvim, Geraldo Carneiro, João Carlos Saldanha, Eudoro Augusto, entre outros.

Muitos poetas desse circuito cultural alternativo passaram a ser conhecidos e reconhecidos nacionalmente a partir do ano de 1976, com o lançamento da antologia poética organizada por Heloísa Buarque de Hollanda, *26 Poetas Hoje*. Eles negavam as vanguardas, os engajamentos mais esquerdistas e foram diretamente influenciados pelo tropicalismo e pelo cinema. Há um quê de anarquismo. É o caso de Ana Cristina Cesar, que, incluída na antologia, estava envolvida nesse cenário, dialogando com escritores e grupos, mas produzindo de forma independente.

Publicou três livros de forma alternativa: *Cenas de Abril* (1979), *Correspondência Completa* (1979) e *Luvras de Pelica* (1980). Eles, contudo, se diferenciavam um pouco do restante da produção marginal por alguns sinais de requinte e capricho, típicos da escritora, assim como pelos recursos de construção poética utilizados. No ano de 1982 publicou por uma editora comercial, a Brasiliense, o livro *A teus pés*, que incluiu os três livros anteriores, além do inédito *A teus pés*. A partir daí, apenas livros póstumos, a maioria organizados pela família Cesar e pelo escritor Armando Freitas Filho, a quem Ana Cristina deixou a responsabilidade de cuidar do seu material pós morte: *Inéditos e Dispersos* (1985), *Escritos na Inglaterra* (1988), *Escritos no Rio* (1993) e *Correspondência Incompleta* (1999). Pelo Instituto Moreira Sales, *Antigos e Soltos* (2008), organizado pela pesquisadora Viviana Bosi.

A sobrevida da obra de Ana Cristina Cesar deve-se a inúmeros fatores, principalmente à originalidade. Da mesma forma que produziu uma literatura de compreensão menos direta, e, conseqüentemente, mais difícil, ela traz textos com montagens de acontecimentos reais, cotidianos, brinca com correspondências, biografias, diários e documentos. É uma literatura marcada por um texto-suspenso, em máscara, um labirinto em espiral. Para Flora Sussekind, ela quebra o lugar comum da poesia marginal: “*trata-se, aí, de tentar levar ao limite experiências poéticas em torno da subjetividade e do texto confessional. Pois só aparentemente os textos de Ana Cristina nos fazem revelações*” (SUSSEKIND, 2004, p. 131).

Outro aspecto sempre destacado na obra de Ana Cesar é a influência de outros autores na sua construção poética, assim como a utilização de citação dos mesmos em um artifício de intertexto:

O seu movimento em direção a uma dicção própria também parece passar por uma série de diálogos propositalmente explícitos com técnicas literárias diversas (da prosa, de Katherine Mansfield à poesia de Carlos Drummond de Andrade, Manuel

O movimento do poema de Ana Cesar multiplica aspas, interrogações, reticências e trilhas sonoras. Há uma aproximação com monólogo dramático, no qual o leitor se torna íntimo, sem perceber, por vezes, que pode ter caído em uma armadilha que foi criada pela própria escritora. A par dessas nuances, do trabalho árduo de leitura e de escrita, tradução e reescrita, existe em Ana Cristina movimentos e cidades – as metrópoles. Seja de uma escrita estática, dentro de um apartamento, ou rápida, em flashes, fotogramas, passagens em movimento, dentro de um taxi ou de um avião.

Metrópoles e poesia

Conscientes dessa forte conexão vida-arte, o artigo engloba uma análise da relação da poética de Ana Cristina Cesar – no limite do livro *A teus pés* - com as metrópoles. E assim, no plural, porque, apesar dessas cidades não se configurarem como temas-centrais na poesia de Ana Cesar, elas são motes presente e recorrentes que incorporam elementos fundamentais da modernidade.

O enlace da escritora com as metrópoles se dá com hibridismo, movimentos e fragmentos. Percebe-se uma cultura redimensionada pela itinerância. A saber, Ana Cristina viveu a maior parte da sua vida no Rio de Janeiro, com andanças esporádicas por Petrópolis, onde costumava ir com o grupo Nuvem Cigana, do qual fazia parte alguns amigos poetas marginais, como Chacal, Cacaso e Luis Olavo Fontes. Essas cidades aparecem de forma direta na rastros das suas poesias:

EXTERIOR. DIA. Trocando minha pura
indiscrição pela tua história bem datada. Meus
arroubos pela tua conjuntura. MAR, AZUL,
CAVERNAS, CAMPOS E TROVÕES. Me
encosto contra a mureta do bondinho e choro.
Pego um táxi que atravessa vários túneis da
cidade. Canto o motorista. Driblo a minha fé. Os
jornais não convocam para a guerra. Torça
filho, torça, mesmo longe, na distância de quem
ama e se sabe um traidor. Tome bitter no velho
pub da esquina, mas pensando em mim entre um
flash e outro de felicidade. Te amo, estranha,
esquiva, com outras cenas mixadas ao sabor do
teu amor. (CESAR, 1993, p. 16)

Nessa poesia, com cara de prosa-poética, a escritora traz fragmentos que remetem a um roteiro de cinema, quando enuncia o texto com “*EXTERIOR.DIA.*” e faz recortes que lembram cortes de edição e fotogramas. Ambienta o leitor na cidade do Rio de Janeiro, quando cita o mar, azul, e também no trecho “*Me encosto contra a mureta do bondinho e choro*”. Está em movimento quando pega um taxi que atravessa os túneis da cidade e, logo depois, vai parar dentro de um pub de esquina.

Nesse caso, o registro também aponta para o binômio de Baudelaire¹ multidão/solidão, trazendo características da modernidade. A dinâmica é a de um poeta que está imerso no movimento/cotidiano da cidade, já sem aura. Inclusive, em um conjunto de referências colocado no final de *A teus pés*, chamado “*Índice Onomástico*” (CESAR, 1993, p. 54), Ana Cristina traz a lista de autores notáveis que influenciaram a sua escrita. Entre eles, Baudelaire e outros que trazem profundas marcas da modernidade, como T.S. Eliot e Walt Withman.

Deslocada, a poeta insere uma sensação de velocidade e movimento nos seus textos. Na poesia “*Sexta-feira da Paixão*” (CESAR, 1993, p.41), ela retoma o Rio de Janeiro no trecho: “*Te levo para a Avenida Atlântica beber de tarde / e digo: está lindo, mas não sei ser engraçada*”. A cidade de Petrópolis aparece também na abertura desse texto: “*Alguns estão dormindo de tarde, / outros subiram para Petrópolis como meninos tristes*”. Certamente, como uma referência a seus amigos poetas. Mas de maneira mais enfática, é em “*Travelling*” (CESAR, 1993, p. 44), que a cidade aparece:

[...] Do alto da serra de Petrópolis,
com o chapéu de ponta e um regador,
Elizabeth reconfirmava, “Perder
é mais fácil que se pensa”.
Rasgo os papéis todos que sobraram.
“Os seus olhos pecam, mas seu corpo
não”, dizia o tradutor preciso, simultâneo,
e suas mãos é que tremiam. “É perigoso”.
ria Carolina perita no papel Kodak.
A câmera em rasante viajava.
A voz em off nas montanhas, inextinguível
fogo domado da paixão, a voz
do espelho dos meus olhos,
negando-se a todas as viagens,
e a voz rascante da velocidade [...] (CESAR, 1993, p. 44)

A poeta faz uma referência direta à escritora americana Elisabeth Bishop², que no alto da Serra de Petrópolis viveu em meados da década de 50, onde escreveu poesias que lhe renderam premiações como o Pulitzer³. A estratégia de

construção textual de Ana Cristina Cesar volta a reforçar uma energia cinematográfica, que traz *flashes* e referências diretas à sétima arte, na utilização de termos como “*câmera em rasante*” e “voz em *off*”.

Em 1969, Ana Cristina Cesar fez a sua primeira passagem pela Inglaterra, onde permaneceu um ano em um programa de Intercâmbio da Juventude Cristã (*Internacional Christian Youth Exchange*) em Londres. Na oportunidade, viajou por outras cidades europeias, como Gales, Belfast, Dublin, Roma, Florença, Milão, Nice, Cannes, Paris e Amsterdã. No ano de 1979, voltou a morar na Inglaterra como bolsista da *Rotary Foundation*, quando cursou *Master of Arts* em Essex. Durante esse período circulou também por países como a França, Itália, Grécia, Espanha e Holanda. As experiências por terras estrangeiras marcaram profundamente a obra de Cristina Cesar, tanto em referências a locais específicos nos seus escritos, como em influências de escritores que passou a conhecer depois dessas temporadas.

Essa sensação de estar estrangeira é registrada em sua poesia, como se nota em “*Inverno Europeu*”:

Daqui é mais difícil: país estrangeiro, onde o
creme de leite é desconjunturado e a
subjetividade se parece com um roubo inicial.
Recomendo cautela. Não sou personagem do seu
livro e nem o que você queira não me recorta no
horizonte teórico da década passada. [...] (CESAR, 1993, p. 12)

Em um lugar estrangeiro, a escritora marca o espaço e seus objetos. Os lugares passam a fazer parte da subjetividade da poeta, que recomenda cautela nesse traslado constante. Aí se aplica a noção de lugar do outro trazida por Julia Kristeva no livro *Estrangeiros para nós mesmos: “O espaço estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontas de referência, nada mais”* (KRISTEVA, 1994, p. 15).

Além das já citadas metrópoles, apareceu na obra de Ana Cristina uma série de indicações e inclinações poéticas que remeteram às cidades de Brasília e São Paulo. Na primeira cidade vivia seus amigos Clara e Chico Alvim, ambos escritores, com os quais se correspondia com frequência, e na segunda um de seus melhores amigos e confidente literário, Caio Fernando Abreu.

A sensação de estar estrangeira, dessa vez dentro de seu próprio país, aparece em um poema que remete diretamente à cidade de Brasília:

Minha boca também
está seca
deste ar seco do planalto

bebemos litros d'água
 Brasília está tombada
 iluminada
 como o mundo real
 pouso a mão no teu peito
 mapa de navegação
 desta varanda
 hoje sou eu que
 estou te livrando
 da verdade (CESAR, 1993, p. 30)

Dessa vez, a metrópole não aparece como pano de fundo, mas escancarada e entrelaçada diretamente com as sensações da poeta. Brasília é descrita com seu ar seco, tombada como patrimônio, iluminada com metáforas de quem lá ama de forma solitária, do alto de uma varanda. Tanto a cidade em construção e agitada, quanto a varanda são retomadas em um outro escrito de *A teus pés*:

nesta varanda descoberta
 a anoitecer sobre a cidade
 em construção
 sobre a pequena constrição
 no teu peito
 angústia de felicidade
 luzes de automóveis
 riscando o tempo
 canteiro de obras
 em repouso
 recuo súbito da trama (CESAR, 1993, p. 33)

São Paulo, a grande metrópole, por sua vez, aparece em Ana Cristina em constante movimento. Escrevendo de um automóvel, ela corta a cidade trazendo crises pessoais, o outro escritor – Caio Fernando – e ambientações diretas, como o nome de bairro Liberdade.

FOGO NO FINAL
 Escrevendo no automóvel.
 Pedra sobre pedra: você estava pra chegar.
 Numa providência, me desapaixonei, num risco
 numa frase:
 Não adiantam nem mesmo os bilhetes profanos
 pela grande imprensa.
 Saudade do rigor de Catarina, impecável
 riscando o chão da sala.
 Ancorada no carro em fogo pela capital: sight-

seeing no viaduto para a Liberdade. Caio chutando pedrinhas na calçada, damos adeus passando a mil, dirijo em circulo pelo maior passeio publico do mundo, nos perdemos – exclamo num achado -, é tardíssimo, um deserto industrial com perigosas bocas imperguntaveis. [...] (CESAR, 1993, p. 51)

Uma cidade bem descrita e pouco discreta. Além disso, um longo olhar carregado de tristeza, de desencanto, tipicamente moderno.

Conclusão

A modernidade, que segundo Heloísa Buarque de Hollanda, “*parece estar sob o signo do suicídio*”:

Um suicídio que não é mais renúncia, mas paixão heroica. [...] Na modernidade, tal como é expressa em Baudelaire, o heroísmo passa a ser experimentado fundamentalmente nos episódios cotidianos das grandes cidades, nas situações vivenciais das milhares de existências desordenadas da vida urbana. (HOLLANDA, 1980, p. 57)

A partir de fragmentos e movimentos da poesia de Ana Cristina Cesar, pode-se observar as diversas experiências da voz lírica pautada nas cidades. Imersa em um movimento alegórico, de uma poeta que não está estagnada, ela apresenta uma fragmentação que é sentida a nível das próprias sensações imediatas, presente no que é dito e no que não é, em um quebra-cabeça de cidades, ora definidas, ora em suspensão.

Aí uma poesia livre de fronteiras, que se move, andarilha e viaja. A comprovar a fala de Walter Benjamin em sua famosa reflexão sobre a arte de narrar: “*quem viaja tem muito o que contar*” (BENJAMIN, 1994:198). Ana Cristina, de fato, viajou. Assim, perpetuou uma poesia imersa em passos por metrópoles extremamente modernas. Seja contra a mureta do bondinho até o alto de Petrópolis, atravessando São Paulo, no ar seco do planalto, ou vivendo o Inverno Europeu, fragmentos e movimentos que fotografam e registram vida e obra de uma poeta que viveu seu tempo, em trânsito, de forma plural. Sempre a ecoar.

Notas

¹ Segundo as impressões de Hyde, a literatura modernista nasceu na cidade, através de Baudelaire, poeta que desvendou as multidões e as suas solidões (multitude, solitude). A cidade configura-se, ao mesmo tempo, como poética e não poética. Nos versos modernos é comum encontrar fragmentos de histórias. O poeta moderno se interioriza de forma desesperada e junta os fragmentos pessoais que lhe façam pertencente ao mundo. Além disso, recupera fragmentos de uma tradição cultural estilhaçada. Baudelaire, ao desenvolver a sua poesia moderna, se mostra consciente ao problematizar que não se mudam as essências através da mudança das fachadas. A tentativa principal do poeta moderno é escapar à prisão do eu, resultante da solidão e da multidão. O poeta se vê, por vezes, mutilado. Contudo, ao assumir o protagonismo do poema, a metrópole é o artifício que “*se assenta sobre nada, a ponte suspensa*” (HYDE, 1989, p. 283).

² Elisabeth Bishop (1911-1979) foi uma escritora americana que nasceu em Worcester, perto de Boston-EUA em 1911. Estudou literatura inglesa em Vassar e viajou vários países como Canadá, França, Inglaterra, Marrocos e Espanha. Em 1951, empreendeu uma viagem pela América do Sul, com uma parada no Brasil, onde permaneceu até 1966. Passou a viver na Fazenda Samambaia, perto de Petrópolis, propriedade de Lota de Macedo Soares, que se tornou a sua companheira. Suas principais referências literárias foram Marianne Moore, T. S. Eliot, Ezra Pound e Wallace Stevens. Recebeu diversos prêmios por sua produção poética, entre eles, o *Poet Laureate of the United States* (1949-1950), o *Pulitzer* (1956), o *National Book* (1970) e o *Neustadt International Prize for Literature* (1976). Lecionou em várias universidades americanas, como a Universidade de Washington, em Harvard, na Universidade de Nova York e no Instituto de Tecnologia de Massachussetts.

³ O Prêmio Pulitzer, administrado pela Universidade de Columbia dos Estados Unidos, é um dos mais importantes prêmios literários do mundo. Elisabeth Bishop foi premiada no ano de 1956 pelas produções de poesias dos livros “*North & South*” e “*A Cold Spring*”.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet, 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

BISHOP, Elisabeth. **Poemas escolhidos**. Seleção, tradução e textos introdutórios de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. **Atrás dos olhos pardos**: uma leitura da poesia de Ana Cristina Cesar. Capecó: Argos, 2003

CESAR, Ana Cristina [et al.]. **Poesia Marginal**. São Paulo: Ática, 2006

CESAR, Ana Cristina. **A teus pés**. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993

CESAR, Ana Cristina. **Antigos e Soltos**: poemas e prosas da pasta rosa. Org. Viviane Bosi. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2008

CESAR, Ana Cristina. **Correspondência Completa**. Org. Armando Freitas Filho e Heloísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999

CESAR, Ana Cristina. **Crítica e Tradução**. São Paulo: Editora Ática, 1999

CESAR, Ana Cristina. **Inéditos e Dispersos**. Org. Armando Freitas Filho. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1998

COSER, Raquel. **Acervo de Ana Cristina Cesar tem material para edições inéditas**. Folha de São Paulo. São Paulo: Folha de São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/08/1324199-acervo-de-ana-cristina-cesar-tem-material-para-edicoes-ineditas.shtml>>. Acesso em: 17 de ago. 2013

COSER, Raquel. **Falso tom confessional de Ana Cristina Cesar influenciou gerações**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/08/1324204-falso-tom-confessional-de-ana-cristina-cesar-influenciou-geracoes.shtml>> . Acesso em: 17 de ago. 2013

COSER, Raquel. **Fora de Catálogo, poeta carioca Ana Cristina Cesar voltará às livrarias**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/08/1324197-fora-de-catalogo-poeta-carioca-ana-cristina-cesar-voltara-as-livrarias.shtml>>. Acesso em: 17 de ago. 2013

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). **26 Poetas Hoje**. 6. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2007

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Impressões de Viagem – CPC, Vanguarda e Desbunde**: 1960-1970. São Paulo, Editora Brasiliense, 1980

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Poesia Jovem – anos 70**. São Paulo, Abril Educação, 1982

HYDE, G. M. “A poesia da Cidade”. In: **Modernismo: guia geral 1890-1930** / organização: Malcolm Bradbury e James McFarlane; tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

MANGA, Ana Paula Rodrigues. **Pés na estrada**: a poética de viagem em Ana Cristina Cesar. Belo Horizonte, 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em Letras, Pontifícia

Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007

MORICONI, Italo. **Ana Cristina Cesar**: o sangue de uma poeta. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Retrato de Época**: poesia marginal anos 70. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1981

SUSSEKIND, Flora. **Até segunda ordem não me risque nada**: os cadernos, rascunhos e a poesia em vozes de Ana Cristina Cesar. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007

SUSSEKIND, Flora. **Literatura e Vida Literária**: polêmicas, diários e retratos. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004

Para citar este artigo

GALVÃO, Raquel Machado. A poesia de Augusto dos Anjos: do cânone literário ao livro didático. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3., n. 1., Jun. 2014, p. 139-150.

A Autora

Raquel Machado Galvão é em Estudos Literários na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), especialista em Gestão Pública pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Tem experiência na área de Comunicação e Cultura, com ênfase em Gestão Cultural e Jornalismo, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura, assessoria de comunicação, jornalismo e audiovisual. Já desenvolveu trabalhos na área de Comunicação Comunitária, Diagramação e Tradução (inglês-português). Na área de literatura, realiza estudos nos seguintes temas: literatura brasileira no século XX, poesia marginal, estudos culturais, economia criativa, representações amorosas na literatura e Ana Cristina Cesar.